



Bastidores de uma pandemia: análise dos índices de violência doméstica contra a mulher

Maria Eduarda Silva Rosa¹ (maria.e.rosa@ufv.br), Iara Pereira da Silva¹ (iara.pereira@ufv.br), Juliana Cantele Xavier¹ (Juliana.xavier@ufv.br), Wesley Abijaude¹ (wesley.a.abijaude@ufv.br), Thales Lemos Pimentel² (thales.pimentel@ufv.br), João Vitor Andrade³ (jvma100@gmail.com).

Palavras-chave: Violência Doméstica, Pandemia, Infecções por Coronavirus.

MODALIDADE: PESQUISA/ **ÁREA DE CONHECIMENTO:** CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE/ **ÁREA TEMÁTICA:** ENFERMAGEM .

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

Introdução

A pandemia de COVID-19 (Doença por Coronavírus-19), tornou-se uma emergência de saúde pública. E como forma de minimização da transmissão comunitária, foram impostas medidas de combate à pandemia, dentre elas destaca-se o distanciamento social. Todavia, apesar de ter sido eficaz na diminuição do número de infectados, tal medida colaborou para o aumento dos índices de violência contra a mulher em todo Brasil.

Objetivos

Analisar os índices dos casos de violência doméstica durante a pandemia.

Material e Métodos

- Estudo quantitativo, com dados secundários disponíveis no Fórum Brasileiro de Segurança Pública, representados nas notas técnicas intituladas "Violência Doméstica durante a pandemia de COVID-19" (Edições 01, 02 e 03). Os dados coletados e analisados compreendem uma comparação entre os meses de março a julho dos anos 2019 e 2020.

- As variáveis analisadas foram os registros de boletins de ocorrência, medidas protetivas de urgência, atendimentos de violência pela Polícia Militar, menções relacionadas a brigas entre vizinhos no Twitter e taxas de feminicídio.

- A pergunta norteadora utilizada foi: *Como a pandemia de COVID-19 impactou os índices de violência doméstica contra a mulher?*

Resultados e Discussão

Houve queda nos registros de boletins de ocorrência no mês de março de 2020 (primeiros dias de isolamento) em comparação com março de 2019. O estado do Maranhão foi o mais afetado, com diminuição de 84,6% na emissão do documento, seguido pelo Rio de Janeiro (40,2%) e Ceará (26%). Outros estados não notificaram os dados em relação à temática, sendo esse um empecilho para a análise. Nota-se uma variação na concessão de medidas protetivas de urgência, uma vez que o estado de São Paulo reduziu o número de medidas concedidas em 11,6% em 2020, comparado a 2019. Acompanhado pelo Acre (30,7%), Rio de Janeiro (30,1%) e Pará (12,5%). Conquanto, os atendimentos iniciados no 190, movidos por relatos de violência doméstica, cresceram 44,9% em relação ao mesmo período. Fato semelhante ocorreu com as menções no Twitter relacionando brigas entre vizinhos, que registrou aumento de 431%, sugerindo uma possível subnotificação nas instancias responsáveis. Quanto ao perfil dos relatos em rede social, a maioria foi publicado por mulheres, às sextas-feiras no período noturno. As taxas de feminicídio também sofreram aumento, tendo quadruplicado no Acre e quase dobrado no Mato Grosso .

Conclusões

Demarca-se significativa redução na emissão de boletins de ocorrência e concessão de medidas protetivas de urgência no período pandêmico. Porém, teve-se aumento nas denúncias de violência doméstica por atendimento no 190, nos relatos em redes sociais de brigas entre vizinhos e nos casos de feminicídio. Ratifica-se então a ocorrência de subnotificação e a restrição de acesso à segurança durante a pandemia. Por fim, demarca-se a necessidade de fortalecimento no combate à violência doméstica contra a mulher.

Bibliografia

Marques, Emanuele Souza et al. A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. Cadernos de Saúde Pública [online]. v. 36, n. 4 [Acessado 22 Agosto 2020], e00074420. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00074420>>.

¹Graduandos em Enfermagem pelo Departamento de Medicina e Enfermagem na Universidade Federal de Viçosa

² Graduando em Medicina pelo Departamento de Medicina e Enfermagem na Universidade Federal de Viçosa.

³ Enfermeiro e Residente em saúde Mental e Psiquiatria pela Universidade Federal de São Paulo.